

**A CRONOTOPIA DO AMOR: ANÁLISE SIMBOLÓGICA DA NOVELA
PRIMEIRO AMOR, DE IVAN TURGUÊNIEV**

**THE CHRONOTOPY OF LOVE: SYMBOLOGICAL ANALYSIS OF THE
NOVEL FIRST LOVE, BY IVAN TURGUÊNIEV**

Rafael Francisco Braz¹

O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo
Acha a razão de ser, já divido.
São dois em um: amor, sublime selo
Que à vida imprime cor, graça e sentido.
*

“Amor” – eu disse – e floriu uma rosa
Embalsamando a tarde melodiosa
No canto mais oculto do jardim,
Mas seu perfume não chegou a mim.
(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Neste artigo é proposta uma investigação sobre as imagens cronotípicas do amor que aparecem na novela *Primeiro Amor* (2015 [1860]) de Ivan Turguêniev. Sendo assim, a metodologia usada foi de cunho interpretativo-bibliográfico e de caráter qualitativo (PAIVA, 2019) e a fundamentação teórica, postula-se em Fiorin (2018), Renfrew (2017), Bakhtin (1990 e 2006), Vigotski (2001 e 2004), Haddad (2010), Geruza (2010) e Simmel (2001). A análise mostra que a novela de Turguêniev se constrói um cronotopo mais sentimental e pessoal, já que se trata de uma memória do personagem Vladimir carregando as imagens cronotópicas dos seus sentimentos.

Palavras-chave: *Primeiro Amor*, imagens cronotípicas, amor

ABSTRACT

This article proposes an investigation into the chronotypical images of love that appear in Ivan Turgenev's novel *First love* (2015 [1860]). Therefore, the methodology used was interpretative-bibliographical and qualitative in nature (PAIVA, 2019) and the theoretical foundation is postulated in Fiorin (2018), Renfrew (2017), Bakhtin (1990; 2006), Vigotski (2001; 2004), Haddad (2010), Geruza (2010) and Simmel (2001). The analysis shows that Turgenev's novel builds a more sentimental and personal chronotope, as it is a memory of the character Vladimir carrying the chronotropic images of his feelings.

Keywords: *First love*, chronotypical images, love.

¹ Doutor em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFRN/PPgPsi (2023). Mestre Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba -UFPB/PPGL. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - UEPB/PPGLI. E-mail: rafaelbrazprof@gmail.com

Introdução

Na literatura encontramos inúmeras relações temporais e espaciais apresentadas artisticamente, como imagens arquetípicas do imaginário ficcional ou reais de lugares e ambientes, esses, que se expressam através das palavras sempre acompanhados por uma definição de tempo psicológico ou tempo histórico. A relação inseparável de tempo-espaço em integração com a literatura é o que se chama cronotopo. (BAKHTIN, 1990)

Publicado originalmente 1860, a novela *Primeiro Amor* (2015), de Ivan Turguêniev, narra a história do primeiro amor de Vladímir Petróvitch, a personagem é questionada durante um jantar na casa de um amigo, sobre sua primeira paixão, essa pergunta o faz escrever um caderno com suas recordações da adolescência, levando o leitor a uma viagem pelo psicológico da personagem até sua casa de veraneio em Moscou no ano de 1833.

A trama se desenvolve em volta de Vladímir, um jovem de dezesseis anos que se torna ingenuamente obcecado por Zinaida, sua nova vizinha, uma bela mulher de vinte e um anos, versada no jogo da sedução e da manipulação. A obra explora esse amor platônico, inocente e melancólico em vários espaços e momentos diferentes no decorrer da novela, logo a relação com o cronotopo fica cada vez mais aparente.

Portanto, neste artigo, é proposta uma investigação sobre as imagens cronotípicas do amor que aparecem na novela russa *Primeiro Amor* (2015 [1860]) de Ivan Turguêniev, são elas, a casa de veraneio ou "Datcha", os Jardins e a "casa dos fundos" que fica atrás da Datcha dentre outras. De forma a esclarecer o espaço-tempo da obra ao usar a categoria da cronotopia e assim exemplificar o ambiente espacial existente na mesma que prisma as emoções e sentimentos das personagens.

Para atingir ao objetivo pré-estabelecido, tomamos como metodologia de cunho qualitativo interpretativo bibliográfico e de caráter qualitativo que de acordo com Paiva (2019, p. 60), “[...] é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa [...] das referências para serem posteriormente utilizadas.”

Sendo assim, justificamos a pesquisa para fins de análise da teoria bakhtiniana acerca do cronotopo, cujos estudos não estão contemplados em campos de pesquisas

acadêmicas devido a sua carência de pesquisa nas plataformas de dados no tocante a este *corpus*.

Para este estudo, lança mão dos pressupostos teóricos postulados por Fiorin (2018), Renfrew (2017), e Bakhtin (1990 e 2006) em relação ao cronotopo e para as questões das emoções sentimentais do amor Vigotski (2001 e 2004), Haddad (2010), Geruza (2010) e Simmel (2001).

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em três unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos sobre a fundamentação teórica do cronotopo e suas aplicações na literatura e uma subseção que tematiza o amor. Na segunda, o espaço-tempo do amor e, logo em seguida na terceira unidade, consideramos o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir de trechos da novela *Primeiro Amor* (2015 [1860]), de Ivan Turguêniev, em relação ao cronotopo. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizada e as referências usadas nesta pesquisa.

A imagem cronótopo

Em literatura, o processo de assimilação do tempo, do espaço, e do indivíduo histórico real que se revela neles, tem fluído complexa e intermitentemente. (Bakhtin, 1990, p. 211)

A partir desta ideia, compreendemos que o movimento dialógico entre o tempo e o espaço entendido como cronotopo, consiste numa característica do conteúdo formal da literatura. Desse modo, o autor russo, busca descrever as espacialidades internas da obra literária através do cronotopo. Bakhtin (1990), assim, enuncia à interligação fundamental do termo a outras ciências:

Chamaremos *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”). Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Não é importante para nós esse sentido específico que ele tem na teoria da relatividade, assim o transportaremos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase, mas não totalmente) nele é importante à expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo. (BAKHTIN, 1990, p. 211)

Neste sentido, a categoria do cronotopo, proposta pela primeira vez pelo russo, não surgiu *a priori*, assim, como ocorreu com outras categorias, a exemplo, da polifonia

que surge após uma vasta leitura das obras de Fiódor de Dostoiévski, as categorias do grotesco, do riso e do carnaval baseadas nas leituras de François Rabelais.

Desse modo, a palavra cronotopo foi aos pouco introduzida aos estudos literários por Bakhtin, pois ele buscava a partir da categoria à inter-relação entre as dimensões de espaço e tempo atravessado pela estética do texto de arte e literatura, haja vista a sua sincronização com as dimensões tempo e espaço.

A esse respeito, Fiorin (2018, p. 145) define que “para estudar a natureza das categorias de tempo e espaço representados nos textos, Bakhtin cria o conceito de cronotopo formando das palavras gregas *crónos* (=tempo) e *tópos* (= espaço)”. Dessa forma, este termo foi elaborado para estudar como as categorias de tempo e espaço estão materializadas nos textos literários.

Desse modo, o pensador russo, ao propor esse conceito, percebeu uma conexão intrínseca das relações tempo e espaço representadas artisticamente na literatura e na cultura, haja vista que para Bakhtin elas são indissolúveis “Se não se pode estudar a literatura isolada de toda a cultura de uma época, é ainda mais nocivo fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, em sua chamada atualidade.” (BAKHTIN, 2006, p. 362)

De acordo com o autor (2003), os estudos literários são de matriz dialógica e cultural em sua história. Para tanto, ele elegeu o gênero romance como um grande campo de análise sobre as relações cronotópicas. Foi a partir desse tipo de narrativa, portanto, que o pensador russo extraiu elementos filosóficos, sociais, culturais e ideológicos para o cronotopo e sua importância dentro do romance, assim pontua:

Em primeiro lugar, é evidente seu significado *temático*. Eles são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronotopo que os nós de enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo. [...] Ao mesmo tempo salta aos olhos o significado figurativo dos cronotopos. Nele só o tempo adquire um caráter sensivelmente concreto; no cronotopo, os acontecimentos do enredo se concretizam, ganham corpo e enchem-se de sangue. Pode-se relatar e informar o fato, além disso, pode-se dar indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização. (BAKHTIN, 1990, p. 355).

Em seu estudo, ainda Bakhtin (1990, p. 361) explica que “a ciência, a arte e a literatura têm relação com elementos semânticos que, como tais, não resistem à definição do tempo”. É preciso sublinhar, historicamente, que o autor observou os

homens vivendo em diferentes cronotopos que conduzem o tempo e são revelados pelo espaço, assim, a ideia de tempo está ligada ao homem que se liga ao espaço e se modifica com o tempo.

Nesse sentido, o teórico propõe enxergar o tempo como uma espécie de elo, ou mesmo fio condutor entre ficção e a realidade, ou seja, as relações temporais que se desenvolvem dentro de um romance estabelecem uma inter-relação com a realidade da trama. Desse modo, o tempo é inseparável do mundo imaginário e, portanto, apresenta através dos acontecimentos narrados a relação com o sujeito e o espaço, como bem sintetiza Bakhtin (1990),

A obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores. Esse processo de troca é sem dúvida crontópico por si só: ele se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação. Pode-se mesmo falar de um cronotopo criativo particular, no qual ocorre essa troca da obra com a vida e se realiza a vida particular na obra. (BAKHTIN, 1990, p. 358-359).

Em síntese, podemos afirmar que o cronotopo apresenta um modo de entender e concretizar a experiência vivida a partir dos gêneros do discurso narrativo, tais como: o romance, a biografia, a epopeia, o romance picaresco e os contos populares que representam, portanto, o tempo e o espaço histórico, social, ideológico do homem, já que a ideia do cronotopo é determinar a unidade artística de uma obra literária.

O cronotopo se configura como elemento da narrativa, assim como, a vida das personagens e, fica claro ao leitor, que estas situações são expressas pelo narrador onisciente e, sobretudo, no sentimento de solidão, tristeza e dor de representar os fatos vividos ao leitor.

Lendo o cronotopo do amar

É difícil pensar em algo que seja tão polissêmico como o amor, que é fonte de inspiração preferida dos poetas, não há no mundo quem não tenha sentido ou presenciado seus efeitos. A verdadeira dificuldade daqueles que falam sobre o amor não é “explicar seus sintomas”, mas ser sintético ao tratar de um termo que apenas do

dicionário brasileiro possui 17 definições é, justamente por conta de sua complexidade, esse é o tema escolhido por Ivan Turguêniev em sua obra *Primeiro Amor* (2015 [1860]). Nas palavras do pensador Georg Simmel (2001) pontua que:

O amor é, por assim dizer, um dinamismo que se gera a partir da autossuficiência da interioridade, um dinamismo que certamente se conduz em referências ao seu objeto externo, do plano latente para o manifesto, mas que, em sentido próprio, não pode ser provocado: a alma o possui como um dado último, ou não, não podendo ser relacionado a algum motivo externo ou interno além da sua causa circunstancial: esta é a razão mais profunda pela qual não há nenhum sentido em pretender fundá-lo como direito [universal] (SIMMEL, 2001, p. 167)

Ao longo do tempo, o amor é objeto recorrente de estudos e análises por se tratar de um tema de ordem emocional que levanta diversos questionamentos, como o motivo de sua existência ou o porquê é, ou não, correspondidos. Além do lado belo, das alegrias e realizações, essa emoção também traz à tona angústias e dúvidas, que por sua vez, podem levar a questões referentes ao abandono.

Apesar de se tratar de um debate antigo, as questões relacionadas ao amor ainda não possuem uma definição única. Pelo contrário, ao longo das décadas e da história, milhares de concepções surgiram e ainda sim, nenhuma delas é capaz de abranger tudo ao que se refere essa emoção. No entanto, há a possibilidade de que isso esteja relacionado ao fato de que o amor é algo mutável, que assume diferentes caracteres de acordo com o processo histórico-cultural.

Desde a Grécia Antiga e até mesmo antes disso, se busca uma definição para o amor. Em *O Banquete*, que se tornou referência na literatura sobre a temática, Platão relata um encontro entre alguns filósofos que entram em um debate a respeito do amor e buscam defini-lo. A partir disso, diversos discursos sobre as muitas dimensões dessa emoção são proferidos, e ao fim, evidencia-se ainda mais o seu pluralismo.

Na prosa poética de Ivan Turguêniev, a temática do amor é enaltecida, desse modo, e de acordo com o pensamento de Geruza (2010, p. 24) “Há então *Eros*, um Amor de desejo. *Eros* é um jovem deus, e dá asas à nossa libido, ou seja, nosso desejo sexual. Já se constitui em uma forma muito evoluída e madura de Amor. Representa o amor de uma pessoa adulta por outra, desejando-a e maravilhando-se com ela”.

Observamos que é evidente a presença do amor *Eros* em novela, corpus desta investigação,, tendo-se em vista a linguagem poética do autor em sua prosa, sendo elas de cunho erotizante e sentimental, ademais o sentimento do amor é constantemente representado como algo repleto de romantismo e paixão, além de possuir caráter intenso das paixões e dos afetos.

Neste sentido, além do amor *Eros* encontrado na escrita de Turguêniev (2015), também se encontra o amor *Ágape*, pois revela um amor que tudo pode tudo suporta, como algo quase inabalável, sendo ele, também, algo puro e genuíno. Sob essa ótica, pontua Geruza (2010, p. 22) que: “Amor *Ágape* - Amor completo, altruísta, como o Amor de Deus por aqueles que Ele criou. Um amor citado no Livro Sagrado, que tudo espera tudo suporta, não busca seus próprios interesses, não se ensoberbece não se alegra com a injustiça, tudo acredita”.

A esse respeito, Geruza (2010, p. 25) define que “[...] A palavra Amor se desdobra em sentimentos bem diferentes, e estes vários tipos precisam se movimentar entre os relacionamentos como se fosse uma sintonia.” À vista disso, a autora representa, de forma divina, os sentimentos do amor em seus versos, destacando as suas singularidades e emoções, que podem ser bem identificadas com o auxílio das imagens cronótopa que simbolizam o espaço-tempo do amar. Para Vigotski (2004, p.131) “o sentimento não surge por si só em estado normal. É sempre antecedido desse ou daquele estímulo, dessa ou daquela causa seja ela externa ou interna”.

Observamos que é evidente a presença do amor *Ágape*, porém o mesmo não se configura apenas como sendo um simples sentimento de emoção, mas sim, como uma solicitude, tendo em consideração a vassalagem extremamente presente nesta novela do autor. Desse modo, após os pensamentos críticos de Geruza (2010), interpretamos que o sentimento do amor é estilizado, poetizado e cantado pela trama narrativa-poético de Ivan Turguêniev (2015).

Com base nesta discussão, a necessidade de diferenciarmos o amor e a paixão, pois muitas vezes, são confundidos e tidos como equivalentes. Em primeira instância, é imprescindível classificar e especificar cada um dos termos e esclarece, também, que amor é uma emoção, não um sentimento. Portanto, o amor é algo subjetivo que envolve aspectos neurais e corporais, não é, como os sentimentos, um processo consciente. (PINTO, 2017; FISHER, 2015)

A esse respeito, Haddad (2010, p. 9) define que “O amor é uma invenção humana, construção cultural valiosíssima que assume roupagens diferenciadas a cada época [...] sempre desfrutou de enorme prestígio, ainda que seu valor tenha se modificado ao sabor da história.” Nessa perspectiva, é possível atribuir diversos significados para o amor, na atualidade, porém é comum associar o termo a uma busca de dois seres que procuram se unir e, assim, se tornando completos.

Cronotopia do amar

A partir dessa análise sobre a cronotopia ancorada na teoria bakhtiniana e correlacionada com a novela *Primeiro Amor* (2015 [1860]), de Ivan Turguêniev, podemos perceber o arcabouço do tempo-espaço do amar na narrativa descrito pelo autor em seus elementos cronotrópicos em relação aos ambientes, os quais a narrativa se desenvolve. O tempo descrito pelo personagem principal, Vladímir Petróvitch, é em primeira pessoa se faz presente, descrevendo todos os detalhes de forma progressiva na perspectiva literária.

A história começa após todos os convidados irem embora do jantar e o anfitrião toca a sineta para que os restos de comida fossem retirados. Dando início a uma conversa, o anfitrião decide que cada um dos convidados, Serguei Nikoláevitch e Vladímir Petróvitch teriam que falar sobre a experiência do seu primeiro amor. Sendo assim, Vladímir responde que não seria capaz de lembrar, ficando assim para escrever seus pensamentos em um caderno e falar depois.

Notemos que Vladímir cumpre com sua promessa e, depois de duas semanas, eles se encontram e, logo, inicia a narrativa do seu *Primeiro Amor*, ficando evidente por meio da trama à relação entre o espaço e o tempo do amar. Sendo assim, ele descreve com riqueza os detalhes de cada acontecimento, apresentando os outros personagens de forma progressiva e ordenada, retomando o cronotopo da memória em relação ao tempo, pois “Eu tinha então dezesseis anos. Aconteceu em 1833. Morava em Moscou, com meus pais. Eles tinham alugado uma datcha perto de Kaluga, em frente ao Neskútchni. Eu estava me preparando para entrar na universidade, mas estudava pouco e não me apressava” (TURGUÊNIEV, 2015, p. 17).

Percebemos, assim, que falta a Vladímir uma visão clara sobre o amor, pela sua pouca idade, pois o jovem ainda não havia desfrutado de uma verdadeira experiência

amorosa. Vale destacar também, a relação desconfortável com os seus pais, o que o leva a preencher o vazio de um sentimento que ele mesmo desconhece, mas está à procura. Entretanto, tudo muda quando ele avista uma linda jovem certo dia, como se o destino já estivesse planejado cada detalhe:

Lembro que naquele tempo uma imagem de mulher, o sinal de um amor feminino, quase nunca surgia em minha mente com traços definidos; mas em tudo que eu pensava, em tudo que eu sentia, se ocultava o pressentimento semiconsciente e envergonhado de algo novo, indescritivelmente doce, feminino... Esse pressentimento, essa expectativa, penetrava todo meu ser: estava em minha respiração, corria em minhas veias, em cada gota de sangue... Estava destinado a se tornar realidade em breve. (TURGUÊNIEV, 2015, p. 18).

A circunstância dessa visão se deu através da janela da casa de fundos, onde Vladímir espia a jovem de forma despreziosa, levando-o a admiração profunda pela sua figura encantadora. A partir desse momento, o personagem começa a nutrir sentimentos de posse sobre ela, resultando no desejo constante de observá-la, diariamente, nos mais diversos lugares, mesmo que ela não o corresponda de nenhuma forma. “A casa de fundos da direita estava vazia, para alugar. Certo dia - umas três semanas depois de 9 de maio -, as persianas das janelas daquela casa de fundos se abriram, revelaram rostos de mulher - alguma família tinha se alojado ali”. (TURGUÊNIEV, 2015, p. 19)

Observamos que o encantado para conhecer sua vizinha. Vladímir tenta se aproximar cada vez mais dessa família misteriosa mulher. Ao se encontrar na casa, o protagonista relata a bagunça e a sujeira que se torna desprezível aos seus olhos. Outro ponto que o deixa surpreso, são os costumes e estilo de vida de sua amada e da sua mãe que são bem diferentes em relação ao seu lar, cuja família preza pela decência dos bons modos.

Para tanto, mesmo com a surpresa de Vladímir em relação à casa de Zinaida. Ele descreve, de forma clara, a sua impressão sobre cada espaço, no qual chamava sua atenção. Presente na maioria dos acontecimentos, a personagem consegue captar cada detalhe ao descrever com precisão e clareza do momento, fazendo o leitor se sentir comovido e atento conforme o foco da leitura.

Podemos perceber, inicialmente, a imagem cronotópica que é da casa de Vladimir: “Morava em Moscou com meus pais. Eles tinham alugado uma datcha perto dos portões de Kaluga, em frente ao jardim de Neskútchni.” (TURGUÊNIEV, 2015, p.17). Essa Datcha é palco dos momentos em que a personagem vai pensar na Zinaida, refletindo seus sentimentos por ela e idealizando a sua imagem.

Para Vigotski (2004) em sua obra *Psicologia Pedagógica*, o autor constrói a concepção das emoções que surgiram em resposta ao meio histórico-cultural, pois “o sentimento não surge por si só em estado normal. É sempre antecedido desse ou daquele estímulo, dessa ou daquela causa seja ela externa ou interna” (VIGOTSKI, 2004, p. 131)

Seguindo essa linha de pensamento, interpretamos o sentimento de melancolia presente na imagem cronotopa da casa da personagem Vladimir devido à relação com seus pais. “Meu pai me tratava com carinho indiferente; mamãe quase não me dava atenção; embora não tivesse outros filhos além de mim; preocupações de outra ordem a absorviam.” (TURGUÊNIEV, 2015, p.17). É a partir deste local, que a sua narrativa novelesca vai desenvolver as experiências dramáticas.

Observando esses aspectos, a imagem cronotópica da casa onde a princesa Zinaida, a vizinha de Vladímir, passa a morar com sua mãe, uma princesa falida que busca o favor dos pais do protagonista. “De fato, a princesa Zassiékina não podia ser rica: a casa de fundos ocupada por ela era tão velha, pequena e modesta que mesmo pessoas de poucos recursos não aceitariam alojar-se ali.” (TURGUÊNIEV, 2015, p. 19)

Desse modo, na narrativa em análise e “no vestibulo apertado e sujo da casa de fundos [...] ajeitei minha roupa e entrei na ‘sala de visitas’. Eu me vi num cômodo pequeno e não muito limpo, com móveis pobres, como que arrumados às pressas.” (TURGUÊNIEV, 2015, p. 25-26). Um dos momentos mais descritivos do interior da casa, onde se nota certa repugnância do protagonista pela casa.

Nesse contexto, é possível ressaltar o quanto aquela casa era medíocre, mas apesar disso a casa dos fundos era um ponto de encontro frequente entre o protagonista Vladímir e aquela a quem ele tanto amava Zinaida. Essas visitas trouxeram insegurança, aflição, ciúmes, mas também, felicidade e uma paixão ardente que só crescia a cada dia,

às oito horas em ponto, de sobrecasaca e com um topete bem armado na cabeça, entrei no vestibulo da casa de fundos onde morava a

princesa. O velho criado fitou-me com ar tristonho e, de má vontade, ergueu-se do banco. Na sala de visitas, ressoavam vozes alegres. Abri a porta e recuei, assombrado. No meio da sala, a princesinha estava numa cadeira e segurava à sua frente um chapéu de mulher; em torno da cadeira, se aglomeravam cinco homens. Eles tentavam enfiar as mãos no chapéu, que ela erguia bem alto e sacudia com força. (TURGUÊNIEV, 2015, p. 39).

Por excelência, o símbolo da casa, ou seja, o espaço da casa, como valor de refúgio ou lar pode ser muito mais que um simples espaço habitado, pois para Bachelard (2008, p. 20) “[...] a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo. [...] Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas”, dos “aposentos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos”.

Essa imagem poética transcende o espaço geométrico e, ao mesmo tempo, procura as profundezas onde estão os encantos motivadores da alma que se entrega, com satisfação, ao universo poético, cujo mundo adquire maior estabilidade e beleza. Nesse âmbito, as personagens ultrapassam as barreiras do mundo, marcado por dificuldades e acessa um cosmo que conspira a seu favor, que o transforma, e que é por ele transformado e reescrito através da memória ora coletiva ora individual.

Portanto, o espaço que as personagens da novela *Primeiro Amor* (2015 [1860]) percorrem em sua jornada para remontar a memória passa a ser um lar, o local que lhe coloca em contato direto com a vida, como por exemplo as lembranças de Vladimir. A esse respeito Bachelard (2008, p. 66) afirma que “às vezes, a casa cresce, estende-se. Para habitá-la é preciso maior estabilidade de devaneio, um devaneio menos desenhado. Ela é a cela do mundo. Transcende a geometria”.

Em outra perspectiva, Clarissa Pinkola Estés (2014) apresentada por um viés psicanalítico que posiciona o lar como um ponto de natural retorno das mulheres. Para Estés, retornar ao lar:

É a capacidade de encontrar, à luz do sol ou nas trevas, nossa terra natal. Todas nós sabemos voltar para casa. [...] Ele fica em um local interno, um lugar em algum ponto do tempo, não do espaço, onde a mulher se sinta inteira. [...] Ela vai porque chegou a hora, e por isso precisa ir. (ESTÉS, 2014, p. 324-326)

Desse modo, torna-se simbólico perceber o vínculo espacial a imagem da casa. Nesse ponto, se torna essencial perceber que a narrativa *Primeiro Amor* (2005 [1860])

começa apresentando uma informação fundamental para compreensão do romance. Por outro lado, de acordo com o *Dicionário de Termos Narrativos*, de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1988) atenuam a carência dessa categoria e enfatizam a sua função no plano narrativo ao exporem que “o espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelecer com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam”. (Reis & Lopes, 1988, p. 204)

Para Renfrew (2017, p. 144) cronotopo “é um dispositivo estruturador poderoso e adaptável para análise literária.” Dessa forma, na novela *corpus* desta investigação, a cronotopia é usada como elemento conciso, relatando as aventuras vividas pelas personagens, aquelas que estão no campo da memória, já que o tempo transcorre através das lembranças de um acontecimento que não era comum como aos encontros de Vladímir e Zinaida.

Nesse sentido, era rotina para Vladímir buscar pela presença de Zinaida, passeando pelo jardim de sua casa ao redor da cerca, ou até mesmo visitando a casa da moça. Ele tentava a cada instante se fazer presente aos olhos dela, de maneira que ela pudesse enxergá-lo como homem, mesmo que ela não notasse a sua presença, até de longe ele a admirava de forma discreta.

A poucos passos de mim, numa clareira, entre arbustos verdes de framboesas, estava uma menina alta e formosa, num vestido de listras cor-de-rosa e com um lençinho branco na cabeça; em torno dela se aglomeravam jovens, e ela batia alternadamente na testa deles com pequeninas flores cinzentas cujo nome ignoro, mas que são muito conhecidas das crianças; essas flores possuem uns saquinhos miúdos que rompem com um estalo quando batemos com eles em algo mais duro. (TURGUÊNIEV, 2015, p. 19).

Entretanto, o que Vladímir jamais esperava era que o seu inimigo seria a pessoa que ele jamais imaginaria. Preso por um sentimento que o fazia se tornar uma pessoa obcecada, o jovem não estava pronto para sofrer uma traição; algo que já estava em sua mente após perceber que Zinaida estava ficando estranha, ainda mais sendo da pessoa que ele mais admirava o seu próprio pai, que por sinal já sabia de tudo.

Nesse contexto, fica claro, que apesar de não haver sentimentos por parte de Zinaida, Vladímir continua amando-a, apesar de seus hábitos serem contrários aos

costumes de seu tempo. Com o passar do tempo, ele notou as mudanças no comportamento de Zinaida, levando-o, conseqüentemente, a descobrir o segredo que ela guarda consigo, durante uma investigação noturna no jardim de casa, ele presencia algo que o deixa desnortado, a traição de sua amada com o seu pai:

Não me pus a soluçar, não me rendi ao desespero; não me perguntei quando e como tudo aquilo ocorrera, não fiquei admirado de não ter adivinhado antes, muito mais cedo - nem mesmo censurei papai em voz baixa. Aquilo que eu acabara de saber estava acima das minhas forças: aquela revelação repentina me esmagava... Tudo estava acabado. Todas as minhas flores foram arrancadas de uma só vez e jaziam à minha volta, espalhadas e pisoteadas. (TURGUÊNIEV, 2015, p. 94-95)

A moça é descrita com perfeição e delicadeza aos olhos do jovem completamente apaixonado e destemido. Apesar de ser impetuosa e cheia de ambição, Vladímir, ingênuas, perde a si mesmo para agradar o seu primeiro amor. Com uma narrativa lenta e uma trama que surpreende, a escolha final de sua amada pelo pai do protagonista o deixa cego perante a realidade que ele fazia parte, mas não percebia devido à prisão de seu sentimento. Observando esse aspecto, ao sentimento, Vigotski (2004) conceitua:

O sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos. Com eles sucedem algo parecido ao que ocorre com a memória, quando se transforma em parte interna do processo do pensamento e começa a ser denominada memória lógica. Assim como nós é impossível distinguir onde termina a percepção superficial e onde começa a compreensão em relação a um objeto determinado (na percepção estão sintetizadas, fundidas as particularidades, as particularidades estruturais do campo visual e da compreensão), também no nível afetivo nunca experimentamos os ciúmes de maneira pura, pois ao mesmo tempo estamos conscientes de suas conexões conceituais. (VIGOTSKI, 2004, p. 126)

Neste sentido, o tempo e o espaço estão conectados com um local específico da história: o jardim de sua casa tem papel fundamental em sua memória, é um local de destaque, aonde ele ia para espairecer, pensar sobre sua vida, refletir sobre o amor e as problemáticas do seu dia a dia. Quando não estava no seu quarto, ele caminhava pelo jardim, na busca pelo alento ao seu coração inquieto.

Para os simbologistas Chevalier & Gheerbrant (2002, p. 512) “o jardim é o símbolo do Paraíso terrestre, do Cosmos de que ele é o centro, do Paraíso celeste de que é representação, dos estados espirituais, que correspondem às vivências paradisíacas” começando pelo jardim da casa de Vladimir Petróvitch, aonde ele visualizou pela primeira vez Zinaida Aleksándrov em seu jardim. “No dia de que estou falando, também fui ao jardim [...] , me aproximei por acaso da cerca baixa que separava nossos domínios, propriamente falando, da estreita faixa de terra do jardim que se estendia atrás da casa de fundos da direita e que pertencia a ela”. (TURGUÊNIEV, 2015, p. 20).

Observamos que é nos jardins onde se desenrolam boa parte dos momentos mais importantes e dramáticos da novela, como o primeiro contato visual entre Vladimir e Zinaida; local onde eles passam boa parte do tempo conversando e participando de jogos; serve também como refúgio para Vladimir quando ele quer ficar sozinho para pensar e refletir sobre a vida e seus próprios sentimentos; mostra-se importante pois, também é onde se revela o grande plot da história, onde um Vladimir furioso encontra seu pai se dirigindo a casa dos fundos e finalmente entende tudo o que está acontecendo ao seu redor.

A esse respeito, Turguêniev (2015, p. 54) define que as personagens da novela *Primeiro Amor* (2015) aparecem constantemente em diversos jardins como afirma a seguir. “Certa vez, eu caminhava pelo jardim, junto à conhecida cerca e vi Zinaida: apoiada nas mãos estava sentada na grama e não se mexia. Eu quis me afastar com cuidado, mas ela de repente levantou a cabeça e me fez um sinal imperativo.”

Logo, o jardim, enquanto imagem cronotópica do amor é um espaço que aumentam o foco nos personagens, pois por serem lugares abertos e belos sem muitas definições na trama, aguça a imaginação do leitor sobre o ambiente e faz com que o autor seja capaz de evidenciar ainda mais as personagens e a trama.

Após essa perspectiva, retomamos o cronotopo dos portões de sua casa, a entrada da Datcha, em frente ao jardim Neskútchini, onde tudo se passará posteriormente, lugar esse Vladimir construiu boas memórias, e foi feliz até a chegada de sua nova vizinha, a princesa mais velha que roubara seu coração e curiosamente, também, o destroçou, deixando marcas em Vladimir. Sua lembrança se fez presente o fazendo lembrar o passado, mesmo após a notícia de sua morte no futuro.

Os versos soaram em minha alma. Ah, juventude! Juventude! Você parece não ligar para nada, parece possuir todos os tesouros do universo, até a tristeza lhe traz contentamento, até o desgosto lhe cai bem, você é confiante e ousada, você diz: Só eu vivo - cuidado! Mas também para você os dias correm e somem, sem conta e sem deixar vestígio, e tudo em você desaparece, como a cera sob o sol, como a neve... E talvez todo o segredo de seu encanto consista não na possibilidade de fazer tudo, mas na possibilidade de pensar que você fará tudo - consista justamente em que você solte aos ventos forças que não saberia empregar de outro modo - consista em que cada um de nós se considere a sério um perdulário, e acredite a sério que tem o direito de dizer “Ah, quanta coisa eu faria se não tivesse desperdiçado meu tempo!”. (TURGUÊNIEV, 2015, p. 106-107).

Desse modo, podemos associar a novela *Primeiro Amor* (2015 [1860]) à teoria de Bakhtin, pelo fato de que o cronotopo é o meio de representar o modo que a sociedade possuía em épocas passadas, “assim como o tempo é visível na imagem apresentada, do mesmo modo, dentro dos diferentes cronotopos, as pessoas e lugares são representados como suscetíveis ao movimento do tempo (e da história).” (RENFREW, 2017, p. 146)

Para tanto, podemos perceber em tal análise, que o cronotopo está presente em toda a estrutura da obra, atravessando o tempo e o espaço num processo histórico-cultural das relações vividas pela personagem fundidas as suas memórias afetivas de Vladímir, sendo assim, de acordo com pensamento de Vigotski (2001, p. 3) “a ideia central da psicologia da arte é reconhecimento da superação do material da forma artística, ou, o que dá no mesmo, o reconhecimento da arte como técnica social do sentimento”, firmando-se uma correlação com a arte expressa e concretizadas pelas emoções criadas pelo conteúdo da obra artística através da experiência vivida por meio da catarse que é desenvolvida pela arte literária.

Considerações Finais

Neste artigo foi observado a relação das imagens cronótópicas na obra *Primeiro Amor* (2015), do escritor russo Ivan Turguêniev. Para tal, inicialmente, analisamos a categoria espaço na novela e designamos citações que comprovem a existência dos cronotopos dentro da narrativa da obra citada, a partir da voz do personagem Vladímir Petróvitch, investigando assim o que esses elementos trazem para dar sustento à história.

Mediante os cronotopos de espaços que utilizamos a datcha, os jardins e a “casa dos fundos”, também conhecida como a casa de Zinaida, foi possível analisá-los com base no panorama da memória presente na fala do personagem, que utiliza desses espaços para descrever sua história com base nos sentimentos e recordações que ali estão empregados, e com isso aproximar a literatura ficcional com a literatura real.

O percurso teórico-metodológico por qual seguimos foi orientado pela seção retórica proposição do tema a teoria do cronotopo sob o olhar de Mikhail Bakhtin (1990 e 2006) com base na narrativa da novela. Desse modo, a partir da análise realizada com fragmentos de *Primeiro Amor* (2015 [1860]), de Ivan Turguêniev, pois constatamos que os espaços implicam num sentimento, emoções, afetos ou sensação poética narrativa que faz o leitor imergir na leitura.

Para tanto, na novela de Turguêniev se constrói um cronotopo mais sentimental e pessoal, já que se trata de uma memória do personagem Vladímir, então tudo o que se passa tanto nos ambientes como nos pensamentos dele é carregado de sentimentos para os quais há muitos significados por trás, que são importantes não só para a literatura, mas também para a filosofia da linguagem defendida por Bakhtin.

Logo, para essa constatação apontou também que as escolhas, da datcha, dos jardins e a “casa dos fundos”, resultando possivelmente, em imagens de cronotopos que serviram como elementos da narrativa para descrever as relações de sentimentos entre as personagens Vladímir e Zinaida, deixando claro para o leitor o caráter da personalidade de cada um das personagens.

Essa afirmação reforça que a percepção sobre a importância de tais cenários na obra, seja essa percepção voltada para a ação ou dos sentimentos presentes nos personagens em tais locais. Ressaltamos, aqui, que esses espaços criam uma narrativa estimulante, além do mais a cronotopia se relaciona e influencia na construção dos personagens, em outras palavras o tempo e espaço estão interligados.

Nessa perspectiva, retomando a teoria de Bakhtin, reconhecemos o cronotopo como parte essencial do texto, logo, na novela de Ivan Turguêniev as relações cronóticas estão postas num parâmetro que envolve as relações sentimentais entre Vladímir e Zinaida, nos quais o sentimento de amor platônico e insuficiência traz ao leitor a angústia perante a situação de Vladimir, reforçando a ideia de tempo e espaço estar interligados.

Para tanto, esse artigo completa o seu objetivo de explicar melhor o assunto tratado, tendo a novela *Primeiro Amor* (2015) como objeto de análise para entender a teoria bakhtiniana, na qual estabelece uma relação de tempo e espaço, nos colocando no tempo e espaço do outro, outro este que poderia ser o das personagens. Logo, nota-se a necessidade de maiores pesquisas no campo.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem o cronotopo como um campo de pesquisa nas academias, tendo em vista que a relação de tempo e espaço existe não só nas obras literárias, mas também na nossa realidade. Salientando, por fim, a importância do cronotopo cuja teoria está voltada também, às questões étnicas e morais que o ser humano deve possuir.

Referências

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. (2002). *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2018.
- GERUZA, S. O amor romântico e as suas definições. In *Amor romântico: isto existe? do mito à realidade pós-moderna*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 17-26.
- HADDAD, G. Introdução. In *Emoções: amor* (pp. 9-10). Rio de Janeiro: Duetto Editorial, 2010, p.09-10.
- PAIVA, V. L. M. de O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RENFREW, A. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2017.
- TURGUENIEV, I. *Primeiro amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fonte, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fonte, 2004.

Recebido em: 01/02/2024

Aceito em: 15/03/2024